

**(Re)traduzir e (Re)editar os clássicos da literatura – o caso de
*Wuthering Heights***

Margarida Maria Pinto Coelho

Dissertação de Mestrado em Edição de Texto

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

Dezembro de 2024

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Edição de Texto, realizada sob a orientação científica
do Sr. Professor Doutor João Luís Lisboa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor João Luís Lisboa, por todo o apoio facultado na construção e aprimoramento da presente dissertação de mestrado.

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão toda a fé que colocam em mim, bem como todo o apoio que sempre me deram para este e outros desafios, mesmo à distância.

Agradeço ao José Miguel cada momento de cumplicidade, bem como todas as discussões em volta deste trabalho, sem os quais não teria tido alento para continuar.

Agradeço à Marta, que nos deu uma nova casa.

Agradeço a todos os familiares e amigos, que, como os meus pais e irmão, estão sempre a pensar em nós e a desejar-nos a felicidade.

**(RE)TRADUZIR E (RE)EDITAR OS CLÁSSICOS DA LITERATURA – O CASO DE
*WUTHERING HEIGHTS***

MARGARIDA COELHO

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: reedição, retradução, clássicos da literatura, experiência de leitura

Em Portugal, as atividades de tradução e edição de livros estrangeiros possuem relevância para a construção do catálogo nacional disponível. Embora exista divulgação e acesso amplos a obras consideradas clássicos da literatura, as editoras nacionais continuam a apostar em novas traduções e edições deste tipo de títulos. A presente dissertação pretende versar sobre as motivações que explicam o surgimento destas (re)iteraões, bem como sobre os principais tipos de alterações verificáveis e o impacto que estas exercem na experiência de leitura. Através da consulta de fontes bibliográficas relevantes e de um estudo de caso baseado na comparação entre duas edições de *Wuthering Heights* (de Emily Brontë) publicadas pela editora Relógio D'Água, será possível evidenciar os tipos de modificaões que são efetuadas aquando de uma reedição de um texto clássico, os objetivos editoriais que estas revelam e como, apesar de se tratar do mesmo texto clássico publicado pela mesma editora, o leitor terá à sua frente dois livros distintos.

**(RE)TRANSLATING AND (RE)PUBLISHING THE LITERARY CLASSICS – THE CASE OF
*WUTHERING HEIGHTS***

MARGARIDA COELHO

ABSTRACT

PALAVRAS-CHAVE: re-publishing, retranslation, literary classics, reading experience

In Portugal, the translation and publishing of foreign books is relevant for the constructions of the national catalogue. Even though there is widespread dissemination of and easy access to works considered literary classics, national publishers continue to invest in new translations and editions of this type of book. This dissertation aims to analyse the motivations behind the emergence of these (re)iterations, as well as the main types of changes that can be seen and the impact they may have on the reading experience. By consulting relevant bibliographical sources and carrying out a case study based on a comparison between two editions of *Wuthering Heights* (by Emily Brontë) published by Relógio D'Água, it will be possible to understand the types of changes that are made when a classic text is re-published, the editorial objectives these changes reveal and how, even if it is the same classic work published by the same publisher, the reader will be faced with two different books.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
1. ENQUADRAMENTO.....	9
1.1 Âmbito específico da dissertação.....	11
1.2 Métodos para a execução do trabalho.....	13
2. (RE)TRADUZIR E (RE)EDITAR CLÁSSICOS DA LITERATURA.....	14
2.1 Definições	14
2.1.1 Definição de clássico da literatura.....	14
2.1.2 Definição de retradução.....	16
2.1.3 Definição de reedição.....	18
2.2 Motivações para a reedição e retradução de clássicos.....	19
2.2.1 Motivações de natureza textual ou linguística.....	20
2.2.2 Motivações de natureza comercial.....	21
2.2.3 Motivações de natureza simbólica.....	22
2.3 Caso de estudo: Comparação de duas edições de <i>Wuthering Heights</i> de Emily Brontë	23
2.3.1 Contexto de publicação.....	26
2.3.2 Análise comparativa das duas edições de <i>Wuthering Heights</i> publicadas pela Relógio D'Água.....	28
2.3.2.1 Formato e tamanho do livro	28
2.3.2.2 Aspeto visual ou design.....	29
2.3.2.3 Organização interna e paratextos.....	33
2.3.2.4 Alterações textuais.....	36
3. DISCUSSÃO.....	41
3.1 Resultados	41
3.2 Limitações da presente dissertação e perspetivas futuras	43
CONCLUSÕES	44
BIBLIOGRAFIA	47

INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no âmbito da componente não letiva para obtenção do grau de mestre em Edição de Texto pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Num momento de grandes transformações tecnológicas, sociais e culturais, os clássicos da literatura mundial permanecem vivos e relevantes. Tendo em conta que as obras conhecidas e reconhecidas como clássicos da literatura continuam a ser uma aposta de interesse para diversas editoras, incluindo editoras nacionais, e que tal resulta na disponibilização de várias reedições e retraduições destes textos com reduzido intervalo temporal entre si, considerámos que o presente tema – o da reedição e retradução de textos clássicos – exigia maior análise e discussão.

Assim, com o presente trabalho, pretendemos investigar as motivações que podem explicar o surgimento de reedições e retraduições de textos clássicos, os principais tipos de modificações verificáveis – quer a nível editorial, quer a nível linguístico – bem como perceber o impacto que estas podem exercer na experiência de leitura. Embora os aspetos textuais ou tradutivos não constituam de todo o seu foco principal (sendo incluídos apenas alguns exemplos), esta dissertação insere-se na área de interseção entre os estudos editoriais e os estudos de tradução. O interesse por esta temática explica-se não apenas pelo facto de a respetiva autora se encontrar na mesma área de interseção (com estudos realizados na área de tradução), mas ainda pelo facto de este se tratar de um assunto atual e que tem merecido, até ao momento, pouca investigação académica.

Com efeito, na primeira parte, é apresentado um sucinto enquadramento, no qual se procura caracterizar brevemente o mercado editorial português, de modo a compreender-se qual a relevância da tradução editorial em Portugal. Nesta secção constará igualmente a contextualização do tema, bem como as metodologias adotadas para a análise e investigação, nomeadamente o recurso a bibliografia diversa e aplicação de um caso de estudo.

De seguida, na segunda parte, são discutidas as possíveis definições dos três conceitos basilares da presente dissertação – clássico, retradução e reedição –, bem

como exploradas as motivações para reedição e retradução de clássicos da literatura. Estas últimas, por sua vez, encontram-se organizadas em três grandes conjuntos: motivações de cariz textual ou linguístico; motivações de cariz económico; motivações de cariz simbólico. Posteriormente, é apresentado o estudo de caso, baseado na comparação entre as edições de 2007 e de 2016 da obra *Wuthering Heights*, publicadas pela editora Relógio D'Água. Exploram-se assim as diferenças observáveis entre as versões, incluindo o facto de estas incluírem traduções distintas da mesma obra. Com efeito, o elemento comum entre as duas versões é a própria editora (Relógio D'Água).

Já na terceira parte, são apresentados os resultados da investigação realizada, bem como as limitações inerentes ao presente estudo, abrindo-se caminho para futuras pesquisas dentro desta temática. Por fim, para finalizar a dissertação, são enunciadas todas as conclusões e toda a bibliografia utilizada.

É através desta estrutura tripartida que o presente estudo permite evidenciar as motivações para a reedição e retradução de clássicos; os tipos de modificações que são efetuadas aquando de uma reedição de um texto clássico; por fim, o facto de que uma nova edição de uma obra clássica, ainda que publicada pelo mesma editora, poderá conter características inteiramente distintas e, desse modo, contribuir para uma experiência de leitura dissemelhante da mesma obra.

1. ENQUADRAMENTO

O setor editorial português é composto por uma parte significativa de importações de outros países, sendo regularmente disponibilizadas obras estrangeiras em língua portuguesa aos leitores nacionais. Este facto é aferido através da percentagem de monografias traduzidas registadas anualmente na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), no âmbito do regime de Depósito Legal, bem como pela compreensão do panorama editorial, em termos globais, noutros países.

Com efeito, em Portugal, as edições traduzidas correspondem, em média, a 25,5% das monografias em língua portuguesa registadas na BNP entre 2000 e 2022¹, conforme apresentado no Quadro 1 abaixo. Apesar de diversas flutuações verificadas ao longo dos 22 anos (com variações que vão desde os 17,9% em 2008 aos 30,7% em 2005), é possível verificar que, no período considerado, as edições traduzidas representam, globalmente, cerca de um quarto do total de monografias registadas no nosso país, a cada ano:

Quadro 1 - Títulos em língua portuguesa catalogados pela Biblioteca Nacional de Portugal entre 2000 e 2022

Anos	Títulos em língua portuguesa ²	Originais	Traduzidos	Desconhecido ³	Traduzidos (%)
2000	9 608	7 187	2 421	x	25,2
2001	10 025	7 464	2 561	x	25,5
2002	10 245	7 456	2 789	x	27,2
2003	10 199	7 495	2 704	x	26,5
2004	10 274	7 587	2 687	x	26,2
2005	9 770	6 768	3 002	x	30,7
2006	11 063	7 814	3 249	x	29,4
2007	11 539	8 249	3 290	x	28,5
2008	21 177	17 379	3 798	x	17,9
2009	16 746	12 992	3 754	x	22,4
2010	12 761	8 983	3 778	x	29,6
2011	14 450	10 748	3 702	x	25,6

¹ Dados retirados do portal Pordata (2024), disponíveis em: www.pordata.pt. Apenas os dados a partir do ano 2000 foram considerados. As percentagens de monografias traduzidas foram calculadas usando os dados disponibilizados.

² O símbolo “(R)” indica que os dados foram retificados pela entidade responsável.

³ O símbolo “x” indica que o valor não se encontra disponível.

2012	13 543	10 273	3 270	x	24,1
2013	15 580	12 289	3 291	x	21,1
2014	16 539	13 044	3 495	x	21,1
2015	16 598	13 029	3 569	x	21,5
2016	(R) 13 670	10 289	3 353	28	24,5
2017	(R) 13 420	10 036	3 361	23	25,0
2018	(R) 12 117	8 831	3 259	27	26,9
2019	(R) 12 308	9 049	3 239	20	26,3
2020	(R) 10 279	(R) 7 486	(R) 2 780	13	27,0
2021	(R) 12 083	(R) 9 015	(R) 3 047	21	25,2
2022	11 449	8 141	3 279	29	28,6

No entanto, observa-se que o ano de menor percentagem de traduções corresponde a um momento excecional na edição nacional. Em 2008, o número de títulos registados em língua portuguesa foi superior a 21 000 volumes (quase o dobro dos anos anteriores), enquanto o número de títulos traduzidos se manteve semelhante (inferior a 4000). No que respeita aos anos mais recentes, é possível descrever uma tendência para a estabilização acima dos 25% a partir do ano de 2018, chegando a alcançar-se os 29% de monografias traduzidas no ano de 2022.

Deste modo, verifica-se a importância da tradução editorial a nível nacional, a qual se compreende melhor quando comparada com as tendências noutros países. Em 2010, numa análise dos fluxos internacionais de livros traduzidos⁴ efetuada a partir de uma base de dados da UNESCO intitulada *Index Translationum*⁵ estimava-se que, nos países anglófonos (em particular Inglaterra e Estados Unidos da América), apenas cerca de 2% a 4% das obras publicadas seriam traduzidas; no caso de outros grandes países, como França ou Alemanha, a percentagem estaria entre os 12% e os 18%; por fim, no caso de considerados países cultural e linguisticamente periféricos, como Grécia ou Portugal, cerca de 30% dos livros publicados a nível nacional constituiriam traduções. Este valor encontra-se sobreponível com a percentagem de monografias estrangeiras em língua portuguesa efetivamente registadas na BNP nesse mesmo ano (29,6%). Considerando informações mais recentes, de acordo com a International Publishers Association, nomeadamente o relatório *International Publishing Data 2023*,

⁴ Heilborn (2010).

⁵ Base de dados de livros traduzidos criada pela UNESCO, a qual contém informação sobre cerca de cem países membros da ONU entre 1979 e 2009. Disponível em: <https://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx>

é corroborado o perfil de Portugal enquanto país cujo setor livreiro depende largamente de importações (IPA, 2023: 220).

Consequentemente, verifica-se que os fluxos de tradução editorial não refletem um equilíbrio entre entradas e saídas de textos nos diversos países, constituindo mais um dos reflexos das desigualdades económicas, políticas e culturais a nível mundial (Ferro, 2016: 93). No caso específico de Portugal, a edição de obras traduzidas é relevante para a construção do catálogo disponível ao público leitor português. Neste âmbito, edição e tradução trabalham em conjunto para a disseminação de novas obras e para a perpetuação de outras (de entre as quais destacamos, no atual trabalho, as obras consideradas clássicos da literatura).

1.1 Âmbito específico da dissertação

Num setor tão diverso e dinâmico como o setor editorial, as obras de cariz literário têm continuamente ocupado uma dimensão relevante, que tem sido objeto de análise. De acordo com Rui Telmo Gomes (2005), que realizou um estudo sobre o mercado editorial português com base em dados fornecidos pelo INE, as obras literárias representariam cerca de 21% dos livros produzidos em Portugal no início do milénio. De acordo com Jorge Almeida e Pinho (2011), no seguimento de um inquérito relativo aos hábitos de leitura dos portugueses, 49,9% dos portugueses que são leitores frequentes de livros leem obras de ficção.

Figura 1 - Dados relativos ao mercado editorial português no ano de 2023, disponibilizados pela APEL

Mercado	YTD	Variação
Valor	187 209 218 €	+7,0%
Unidades	13 176 303	+3,6%
Preço médio	14,21 €	+3,3%
Livros novos YTD	13 264	

Peso e preço médio por Categoria	Valor %	Unidades %	Preço Médio
Não Ficção	35,5%	30,2%	16,68 €
Ficção	37,3%	32,3%	16,38 €
Infantil/Juvenil	26,3%	34,1%	10,95 €
Campanhas	0,9%	3,3%	4,08 €

Verificando-se os dados disponibilizados pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) relativamente ao mercado editorial português⁶, percebe-se que 32,3% dos livros vendidos no ano 2023 seriam livros de ficção (ver Figura 1).

Em particular, as obras conhecidas e reconhecidas como clássicos da literatura (e cuja definição será discutida mais abaixo, na secção 2.1.1 - *Definição de clássico da literatura*) parecem continuamente merecer a atenção dos editores e leitores nacionais, estando aqui naturalmente incluídas obras de autores estrangeiros. Em 2016, Francisco Vale – editor da Relógio D’Água – confirmava ao jornal Observador que os livros que normalmente mais vendem na Feira do Livro de Lisboa são precisamente os clássicos⁶. Efetivamente, prestigiadas editoras portuguesas, tais como a Editorial Presença, a Guerra & Paz ou a Relógio D’Água apostam em traduções e edições de clássicos da literatura, organizadas em coleções compostas por diferentes volumes, e por vezes mesmo “reedições a partir das línguas originais, com prefácios de figuras públicas, capas novas [...]”⁷.

Embora atualmente exista acesso amplo e facilitado a clássicos da literatura, não só pelo facto de um conjunto significativo delas se encontrarem em domínio público, mas ainda por se encontrarem livremente disponíveis em versão digital na Internet (Cerquiglioni, 2016), são disponibilizadas novas edições físicas das mesmas com relativamente pouca distância temporal entre si (a título de exemplo, pode-se verificar o Quadro 2 na secção 2.3, com as edições de *Wuthering Heights* em Portugal). Ainda que tais títulos e autores não constituam uma novidade no campo da literatura – havendo, na verdade, um certo grau de familiarização do grande público com os textos – este tipo de projeto editorial aparenta ser uma aposta contínua, levando à coexistência simultânea de diferentes edições e/ou traduções de uma obra clássica, num mesmo pequeno mercado (português).

Adicionalmente, consideramos que a reedição e a retradução de clássicos da literatura tem sido um tema pouco explorado na área dos estudos editoriais, e particularmente abordada por estudiosos franceses. De igual modo, a retradução tem

⁶ Informação disponível no site da APEL, na página: <https://www.apel.pt/documentacao/dados-do-mercado-gfk/>

⁷ Marques (2016). Disponível em : <https://observador.pt/2016/08/19/os-novos-valores-sao-os-velhos-classicos/>

sido um fenómeno de certo modo negligenciado nos estudos de tradução, embora se verifique um aumento do interesse nesta temática desde o início do milénio. Existem, assim, alguns estudos disponíveis, a maior parte igualmente provenientes da tradutologia francesa.

Assim, no âmbito do Mestrado em Edição de Texto, pretendemos alargar o leque de considerações e reflexões disponíveis sobre esta temática, que entendemos merecer maior investigação e discussão. Consideramos relevante, nomeadamente, versar sobre: as diferentes razões que podem motivar as editoras à produção destas (re)iteraões; descrever os principais tipos de alterações verificáveis, a nível editorial e linguístico, aquando de uma reedição; refletir sobre o impacto destas na experiência de leitura.

1.2 Métodos para a execução do trabalho

No sentido de apurar as respostas às questões subjacentes à presente dissertação, foi efetuada a consulta de informação em estudos teóricos disponíveis (tais como livros, artigos científicos ou dissertações de mestrado e doutoramento), quer em formato físico, quer disponíveis *online*. Adicionalmente, foi realizada a comparação de duas edições da obra *O Monte dos Vendavais*, da autoria de Emily Brontë, ambas produzidas pela Relógio D'Água Editores, embora em momentos distintos: a primeira edição data de 2007; a segunda edição data de 2016.

Mostrou-se relevante, em primeiro lugar, apresentar a definição dos três conceitos-chave desta dissertação (clássico, retradução e reedição), a partir das considerações de vários autores relevantes. De seguida, apresenta-se um conjunto de motivações que podem explicar a disponibilização de reedições de clássicos pelas editoras, após consulta de bibliografia diversa com enfoque na perspetiva do editor e no seu papel. Por fim, aferem-se as principais alterações efetuadas aquando de uma reedição, bem como o respetivo impacto na experiência do leitor, através da análise comparativa referida acima. Por fim, discutem-se os resultados obtidos e as limitações do presente estudo, abrindo potencialmente caminho para trabalhos futuros na mesma temática.

2. (RE)TRADUZIR E (RE)EDITAR CLÁSSICOS DA LITERATURA

2.1 Definições

No sentido de bem delimitar o presente estudo e assegurar a sua máxima compreensão, começamos pela definição dos três conceitos basilares: clássico, retradução e reedição.

2.1.1 Definição de clássico da literatura

O termo “clássico” ou “clássico da literatura” é de complexa definição, pela subjetividade implícita nesse estatuto e pelo facto de englobar um conjunto de textos extremamente diversos. Assim, vários autores têm procurado estabelecer uma definição, com abordagens e perspectivas que explicam como uma obra consegue sobreviver à passagem do tempo.

Neste contexto, destacamos o volume *Porquê ler os clássicos* (1994), no qual Italo Calvino apresenta um conjunto de definições crescentemente detalhadas para este termo, procurando alcançar aquela com o maior nível de precisão e adequação. Tomando uma perspectiva mais individual, este considera que a obra clássica é a que permite múltiplas releituras em diferentes momentos e estágios de maturidade do leitor, constituindo cada revisita uma primeira leitura ou uma primeira descoberta da obra em questão. Por outras palavras, o clássico nunca perde o seu carácter surpreendente e atual, renovando-se em cada experiência de leitura, independentemente da época em que é lido.

Considerando já um plano mais abrangente, Calvino define a obra clássica como aquela que gera um conjunto infindável de interpretações, comentários e análises, provocando “incessantemente uma vaga de discursos críticos sobre si” (Calvino, 1994: 10). Isto significa que o clássico possui contínua relevância cultural, consequência da sua pertinência temática ou qualidade estética literária, da sua capacidade de propiciar novos estudos e discussões, novas interpretações ou mesmo interações com outras obras (intertextualidade). Dito de outro modo, o clássico é um texto que permanece socialmente vivo, resistindo à sucessiva passagem das épocas e

atravessando distintas gerações de leitores. É deste modo que, eventualmente, se constitui como parte integrante de uma herança literária ancorada no inconsciente coletivo:

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.

(Calvino, 1994: 10-11)

Assim, podemos considerar que uma característica inerente dos clássicos é o facto de estes se renovarem a si mesmos, sobrevivendo ao tempo e ancorando-se como autoridade literária.

Um outro autor a considerar para a presente discussão é T. S. Eliot, que na sua palestra *“O que é um clássico?”* (Eliot, 1992) reflete sobre a temporalidade dicotómica do clássico. Considera que apenas “olhando para trás e em perspetiva histórica” um clássico se pode reconhecer enquanto tal, evidenciando, deste modo, não só a perdurabilidade de uma obra clássica, mas ainda o facto de esta ser resultado de um contínuo progresso histórico e cultural. Na sua perspetiva, o clássico constitui o ponto culminante de uma maturidade linguística e literária, quer a nível individual (do autor), quer a nível coletivo (da sociedade na qual este se insere). Assim, um clássico não pode nunca ser escrito de um modo intencional, mas surge quando as condições essenciais ao seu aparecimento estão cultural e linguisticamente asseguradas. Entende-se, assim, que o clássico constitui o resultado de um processo longo e intrincado de consagração e reconhecimento, acabando por se tornar um texto de referência.

Numa perspetiva mais recente, Cécile Rabot (2018) indica que o termo clássico se refere a um conjunto de textos ou autores consensuais que são tidos como autoridades literárias incontestáveis para uma cultura ou sociedade. Esta valorização dos clássicos é entendida como natural, pois é vista como resultado das qualidades intrínsecas das obras e do talento dos seus autores, os quais formam e constituem a própria história da literatura.

Perante estas ideias complementares, podemos considerar que o termo “clássico” designa um conjunto de obras escritas no passado (recente ou longínquo), que mantem relevância temática e literária nas sucessivas gerações de leitores,

cimentando deste modo o seu estatuto cultural e integrando-se, a pouco e pouco, numa tradição literária que se impõe como modelo e referência (livros que devem ser lidos, obras consideradas de leitura imperativa).

Tratando-se de um elemento literário que continuamente propicia novas leituras e discursos em sua volta, então será, sem espaço para dúvida, uma obra que exige ser continuamente retraduzida e reeditada.

2.1.2 Definição de retradução

Por retradução, entendemos a ação e o resultado de traduzir de novo, isto é, a realização da tradução de um texto que já se encontra disponível na língua de chegada. Por outras palavras, e muito simplesmente, trata-se do “ato ou efeito de retraduzir”⁸ um qualquer texto.

De acordo com Enrico Monti (2011: 10), a retradução constitui uma prática muito antiga, mas suscita interesse académico a partir dos anos 2000, pelo facto de se verificar uma crescente relevância desta atividade no panorama literário europeu. Em 2004, Isabelle Collombat⁹ havia já anunciado uma aceleração “sem precedentes” no número de retraduições realizadas no espaço literário europeu a partir da década de 1990. Chegou mesmo a declarar o século XXI como o “século das retraduições” no título do seu artigo. Apesar destas afirmações, não existem atualmente dados disponíveis que permitam comparar o número de traduções e retraduições de textos literários feitas a partir do início do milénio.

Sabe-se, no entanto, que são precisamente os textos de cariz literário que mais frequentemente necessitam deste tipo de renovação (Monti, 2011). De acordo com o autor, isto explica-se não só pela importância da função estética neste tipo de comunicação, mas também pelas múltiplas interpretações subjacentes possíveis a um texto literário, que poderão conduzir a um sentimento de insatisfação ou insuficiência relativamente à tradução disponível (Monti, 2011: 13). A principal necessidade, não obstante, prender-se-á com o facto de que as traduções são passíveis de um processo de envelhecimento – a linguagem evolui, os instrumentos e conhecimentos disponíveis

⁸ Definição disponível no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

⁹ Collombat (2004).

a tradutores e editores alteram-se, os paradigmas e princípios do campo da tradutologia modificam-se também (por exemplo: numa dada tradução, considerar que se deve priorizar a adequabilidade da mesma à cultura de chegada *versus* priorizar a sua fidelidade ao texto original):

“Textos de partida também envelhecem, mas não da mesma maneira que as suas traduções, ao menos não aos olhos do público. Onde esses que chamamos de textos “originais” ganham rugas que os tornam ainda mais charmosos, as imperfeições devidas à idade das traduções têm uma propensão particular de torná-las grotescas [...]”

(Monti, 2011: 15-16)

Evidentemente, as traduções não podem ser removidas do contexto cultural, social e linguístico no qual são produzidas; quando este contexto evolui e naturalmente se modifica, corre-se o risco de a tradução não mais ser adequada ou acessível aos leitores, levando à necessidade de atualização.

Na verdade, de acordo com Antoine Berman, que reconhece de igual modo a caducidade das traduções, esse constitui mesmo o destino das traduções de clássicos da literatura: “envelhecer é o destino de todas as traduções dos clássicos da literatura mundial, que necessitam mais cedo ou mais tarde de ser retraduzidas” (Berman, 1984: 281). Indo mais longe, o autor (Berman, 1990) afirma que existe uma insuficiência inerente a praticamente todas as traduções realizadas, e que apenas através dos consecutivos esforços de retradução ao longo do tempo se poderá suprimi-las e eventualmente alcançar aquilo a que apelida de “grande tradução”.

No caso concreto dos clássicos, estas atualizações possuem uma função muito relevante, pois permitem a perpetuação desse estatuto nas sucessivas gerações, garantindo que a obra não fica esquecida. De facto, poderemos entender o fenómeno de retradução como corolário do próprio estatuto de clássico, ou seja, não existirá um clássico da literatura que não tenha sido objeto de inúmeras retraduições.

Ora, a retradução pressupõe sempre a reedição, pois a finalidade de qualquer texto (tradução ou outro) é que este seja disponibilizado ao leitor num formato próprio e adequado, o qual se possa apresentar ao público.

2.1.3 Definição de reedição

Por reedição, entendemos o trabalho levado a cabo com o intuito de produzir uma nova edição de um livro já disponível no mercado livreiro em questão (no caso concreto, o português), bem como o resultado deste. Trata-se, com efeito, do “ato de reeditar”¹⁰, isto é, de preparar um texto para nova publicação, a qual poderá concorrer com a(s) anterior(es).

Para tal, o editor possui um papel ativo na disponibilização de uma qualquer obra literária ao público leitor, contribuindo para e supervisionando todas as fases de produção até ao produto final, pronto para venda ao público. Esta figura é responsável pela implementação das estratégias editoriais necessárias ao projeto, a seleção de todos os colaboradores (tradutores, revisores, designers, impressores, etc.) e a coordenação da cadeia de produção, funcionando como um segundo autor que disponibilizará uma versão do texto a dar ao leitor, a qual impactará a sua perceção da obra (Rabot, 2017).

Efetivamente, nenhum livro chega às mãos dos leitores enquanto texto puro (Rabot, 2017: 2). Existe um conjunto de elementos gráficos e materiais que necessariamente o acompanham. O clássico é lido quando concretizado numa publicação que foi trabalhada (traduzida e editada), que pode conter paratextos diversos (desde notas, a prefácios, posfácios, comentários, entre outros), que possui uma apresentação intencional (organização, paginação, design, ilustrações, etc.) e tem de ser produzida (neste caso, tem de ser impressa).

Através da sua intervenção, o editor torna o clássico acessível a um público distinto daquele para o qual ele foi originalmente escrito, o que poderá naturalmente implicar modificações a diferentes níveis, desde o próprio texto – necessidade de revisão ou retradução – à construção e design do objeto livro, o que também influenciará o sucesso comercial do projeto. Assim, um corolário da reedição é a procura ativa de atribuição de elementos de novidade a uma obra que é conhecida e já existe:

Il s’agit à chaque fois de faire du neuf avec de l’ancien, c’est-à-dire de s’approprier de l’œuvre et sa valeur patrimoniale non seulement pour la diffuser comme « du passé

¹⁰ Definição disponível no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

toujours vivant », mais aussi, et surtout, pour constituer un nouveau produit susceptible de trouver sa place sur le marché.

(Rabot, 2017: 6).

Efetivamente, na perspetiva de um editor, uma retradução e uma reedição constituem, simplesmente e na verdade, uma *nova* tradução e uma *nova* edição. Ao mesmo tempo que trabalha sobre um texto já antigo e acessível a todos, o editor necessita de atrair o consumidor e levá-lo a comprar algo que será singular e distinto daquilo que já existe, criando uma noção de escassez no seio da abundância (Cerquiglioni, 2016: 45).

O setor editorial coloca a dimensão da novidade em evidência a cada (re)edição, pondo a ênfase sobre os elementos que constituem originalidade: um novo formato, uma nova tradução do texto, um novo prefácio ou posfácio, novas ilustrações, entre outros. É também deste modo que se assegura a perpetuação do estatuto de clássico, garantindo que este chega atualizado às mãos do público.

2.2 Motivações para a reedição e retradução de clássicos

Num contexto de significativa atividade tradutória editorial em Portugal, as obras de cariz literário e, em particular, os clássicos da literatura continuam a atrair a atenção e investimento de tradutores e editores. Na verdade, como observado nas definições acima, a reedição e a retradução são corolário do próprio estatuto de clássico: por que se trata de um texto que sobrevive ao tempo, necessita de sucessivas traduções, sendo estas que o mantém vivo; do mesmo modo, necessita de ser atualizado por via de reedições, mas a intervenção do editor funciona como meio de perpetuação do próprio estatuto de clássico, tornando os conteúdos continuamente acessíveis aos diferentes públicos.

No entanto, encontra-se por esclarecer o interesse do editor nos esforços de reedição, por vezes incluindo uma nova tradução. Neste contexto, procurámos identificar as principais motivações que permitem compreender a contínua disponibilização de novas edições e traduções de clássicos da literatura, a qual conduz à coexistência de múltiplas versões de uma obra num mesmo mercado literário. As

motivações encontradas foram por nós repartidas em três categorias distintas: as de natureza textual ou linguística; as de natureza comercial; por fim, as de natureza simbólica.

2.2.1 Motivações de natureza textual ou linguística

Para esta primeira categoria, consideramos as motivações associadas à necessidade de atualização de uma obra cuja publicação anterior tenha seguido “princípios ou normas linguísticas e/ou editoriais que se tornaram entretanto obsoletas” (Martins, 2021: 160). Esta motivação relaciona-se, de certa forma, com o processo de envelhecimento já referido por Monti e Berman, ao refletir sobre o conceito de retradução: enquanto a obra clássica sobrevive à passagem do tempo, a tradução fica marcada pela época em que foi realizada, envelhecendo.

A necessidade de atualização poderá ter por base um conjunto distinto de justificações, nomeadamente:

- a) Erros presentes nas edições anteriores (gralhas, erros de tradução, etc.), os quais devem ser corrigidos.
- b) Alterações nas normas gramaticais ou ortográficas vigentes numa determinada cultura, sendo necessário refleti-las a nível textual (por exemplo: atualização de um texto de modo a respeitar o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990).
- c) Desenvolvimentos nas tecnologias, ferramentas e/ou avanços nos conhecimentos sobre o autor e a obra em questão (incluindo a descoberta de manuscritos ou cartas, entre outros) (Koffman & Smeets, 2021: 6), o que impacta a interpretação da obra e as escolhas tradutivas realizadas.
- d) Traduções disponíveis consideradas insatisfatórias ou insuficientes devido às alterações nos gostos e preferências dos leitores (Koffman & Smeets, 2021: 5).
- e) Alterações nos padrões ideológicos e morais da cultura de chegada, os quais poderão ter impactado o processo de tradução e, desse modo, acelerado o seu envelhecimento ao “trair a ideologia do texto de partida”

(Collombat, 2004:5) (por exemplo, através da aplicação de um conjunto de estratégias, como a omissão ou a adição).

- f) Traduções disponíveis consideradas insatisfatórias ou insuficientes devido a alterações nas abordagens ou filosofias tradutivas ou, como referido por Collombat (2004: 4), alterações nas “atitudes” dos tradutores (por exemplo: conferir precedência à fiabilidade ao texto original, no caso de traduções anteriores realizadas com base na adaptação ao público ao contexto de chegada)
- g) Maior liberdade para adaptações uma vez uma obra encontrando-se em domínio público¹¹, o que propicia diferentes oportunidades estéticas e de atualização editorial (design, paratextos, etc.).

Desta forma, conseguimos perceber que existem múltiplas formas de desatualização da respetiva tradução, pelo que editor, assumindo o seu papel de promotor do património cultural literário, poderá propor-se a reeditar uma obra.

2.2.2 Motivações de natureza comercial

No entanto, tratando-se o livro de um objeto simultaneamente cultural e económico, os fundamentos de natureza comercial adquirem grande relevância no momento de decidir a reedição de um clássico de literatura. Num contexto económico desafiante, este tipo de projeto pode contribuir para o aumento da produção, proporcionando em simultâneo menor risco económico (pelo reconhecimento cultural que acompanha a obra clássica e o seu autor) e, eventualmente, os custos de produção inferiores.

Assim, destacamos as seguintes motivações económicas:

- a) Maior probabilidade de sucesso comercial (número mínimo de vendas assegurado), pelo facto de se tratar de uma obra de referência com valor cultural e que é do interesse do público em geral.

¹¹ Por domínio público, entende-se o “estatuto das obras criativas em que os direitos de propriedade intelectual, como os direitos de autor, expiraram ou foram retirados [...] o que permite que sejam livremente utilizados, reproduzidos e adaptados [...] sem necessidade de pedir autorização ou pagar direitos de autor”. (EUIPO, 2024).

- b) Maior grau de rentabilidade financeira comparativamente com outros projetos editoriais, nomeadamente no caso de autores que se encontram em domínio público (redução dos custos de produção) (Koffman & Smeets, 2021: 6).
- c) Possibilidade de capitalizar com o destaque circunstancial conferido a um determinado autor ou uma determinada obra (por exemplo, no seguimento de um lançamento de uma nova adaptação para cinema) (Martins, 2021).
- d) Possibilidade de capitalizar com o destaque circunstancial conferido a uma determinada temática, ou com a relevância social desta última devido a alguma situação presente (Martins, 2021).
- e) Possibilidade de alcançar novos públicos, diferentes dos habituais para a editora.

Neste ponto, consideramos importante referir o facto de que, embora representando as vantagens acima listadas – as quais pesam na tomada de decisão das casas editoriais – os clássicos não são uma garantia de valor absolutamente segura para as editoras. Existe sempre um risco inerente ao investimento feito numa obra, ainda que comprovadamente relevante e valorizada.

2.2.3 Motivações de natureza simbólica

Por fim, além do retorno económico acima referido, os clássicos da literatura, enquanto bens culturais, podem assegurar um retorno simbólico às editoras, permitindo nomeadamente o aumento do seu prestígio social e a valorização do seu catálogo junto do grande público.

Com efeito, de acordo com Cécile Rabot (2017: 4) ocorre um processo de transferência de capital simbólico do autor para a entidade que o publica, a qual recolhe os frutos do prestígio associado a esse nome. A mesma autora indica-nos que poderá permitir a legitimação do papel do próprio editor, ao mostrar-se ao serviço do património cultural e literário (ao invés de unicamente ao serviço do sucesso comercial). Como verificado no ponto 2.1.3, o editor possui um papel ativo e decisivo

na perpetuação do texto clássico enquanto tal, disponibilizando-o ao público e inserindo-o em coleções de obras consideradas socialmente relevantes. Ao publicar clássicos de referência, a editora beneficia do facto de o seu nome se encontrar associado a certos títulos e autores reputados, contribuindo para um determinado estatuto que poderá diferenciá-la no setor.

Ainda de acordo com Cerquiglini (2016), os clássicos, ao inscreverem-se numa herança literária que é reconhecida e possui autoridade, constituem em si mesmos poderosas ferramentas de valorização e legitimação culturais. Por outras palavras, podem, eles mesmos, funcionar como uma estratégia de comunicação ou serem incorporados em estratégias de comunicação de editoras, que pretendem assumir determinada reputação ou imagem junto do público.

2.3 Caso de estudo: Comparação de duas edições de *Wuthering Heights* de Emily Brontë

Publicado pela primeira vez no ano de 1847 sob o pseudónimo Ellis Bell, a obra clássica da literatura inglesa *Wuthering Heights* narra a tormentosa paixão entre Catherine e Heathcliff, a qual se desenvolve no cenário desolado e agreste dos campos do Yorkshire em meados do século XIX inglês. As vidas daqueles que os rodeiam, bem como dos seus descendentes imediatos, são profundamente impactadas por esse amor místico e tempestuoso, que traz à evidência dicotomias humanas várias, como a riqueza e a pobreza, a justiça e a vingança, o amor e a crueldade. A trama principal da obra prende-se com o facto de Catherine optar pelo casamento com outro homem, de nome Edgar Linton, pelo facto de este lhe poder proporcionar estatuto social e uma vida de conforto económico, embora o seu coração pertença a Heathcliff.

Pela sua relevância, várias foram as edições e traduções deste livro realizadas em Portugal. No Quadro 2, são elencadas todas instâncias identificadas no país¹², por ordem cronológica de edição, e de acordo com as informações disponibilizadas na Biblioteca Nacional de Portugal:

¹² Pesquisa efetuada no catálogo da BNP, disponível em:
<https://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>

Quadro 2 - Lista de edições da obra *Wuthering Heights* em Portugal, registadas na BNP

PUBLICAÇÃO	ANO	TÍTULO	COLEÇÃO	TRADUÇÃO	EDIÇÃO
Inquérito	1940	O MONTE DOS VENDEVAIS : ROMANCE	Os melhores romances dos melhores romancistas; 6	FERNANDO DE MACEDO	
Inquérito	1941	O MONTE DOS VENDEVAIS : ROMANCE		FERNANDO DE MACEDO	2. ^a
Romano Torres	1953	MONTE DOS VENDEVAIS		LEYGUARDA FERREIRA	
Civilização	1955	O MONTE DOS VENDEVAIS	Civilização. Popular; 40	MARIA FERNANDA CIDRAIS	
Romano Torres	1957	MONTE DOS VENDEVAIS		LEYGUARDA FERREIRA	2. ^a
Civilização	1960	O MONTE DOS VENDEVAIS		MARIA FERNANDA CIDRAIS	
Publicações Europa-América	1960	O MONTE DOS VENTOS UIVANTES	Livros de bolso Europa-América; 10	MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Romano Torres	1964	MONTE DOS VENDEVAIS	Obras escolhidas de autores escolhidos; 25	LEYGUARDA FERREIRA	3. ^a
Inquérito	1964	O MONTE DOS VENDEVAIS	Os melhores romances dos melhores romancistas; 3	FERNANDO DE MACEDO	5. ^a
Portugália Editora	1966	O MONTE DOS VENDEVAIS	Os romances universais; 35	MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Círculo dos Leitores	1971	O MONTE DOS VENDEVAIS		MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Europa América	1971	O MONTE DOS VENTOS UIVANTES	Livros de bolso Europa-América; 10	MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Círculo dos Leitores	1973	O MONTE DOS VENDEVAIS		MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Civilização	1977	O MONTE DOS VENDEVAIS	Clássicos civilização. Autores ingleses	MARIA FERNANDA CIDRAIS	
Círculo de Leitores	1980	O MONTE DOS VENDEVAIS		MARIA FRANCO	
Círculo de Leitores	1988	O MONTE DOS VENDEVAIS		MARIA FRANCO	
Europa-América	1988	O MONTE DOS VENTOS UIVANTES	Livros de bolso Europa-América; 10	MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Europa-América	1993	O MONTE DOS VENDEVAIS	Clássicos; 23	MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Dom Quixote	1993	O ALTO DOS VENDEVAIS O MONTE DOS VENDEVAIS	Ficção universal; 140	ANA MARIA CHAVES	
Europa-América	1997	O ALTO DOS VENDEVAIS	Clássicos; 23	ANA MARIA CHAVES	2. ^a
Dom Quixote	1999	O ALTO DOS VENDEVAIS	Ficção universal; 140	ANA MARIA CHAVES	2. ^a
Dom Quixote	2001	O ALTO DOS VENDEVAIS	Biblioteca de bolso clássicos; 9	ANA MARIA CHAVES	
Relógio d'Água	2007	O MONTE DOS VENDEVAIS	Clássicos	MARIA FRANCO, JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	
Europa-	2008	O MONTE DOS VENDEVAIS	Clássicos	ANA MARIA CHAVES	3. ^a

América					
Presença	2009	O MONTE DOS VENDEVAIS	Obras literárias escolhidas; 9	FERNANDA PINTO RODRIGUES	
Presença	2010	O MONTE DOS VENDEVAIS	Obras literárias escolhidas; 9	FERNANDA PINTO RODRIGUES	2.ª
Gailivro	2010	O MONTE DOS VENDEVAIS	Romance	ANA MARIA CHAVES	
Book.it	2011	O MONTE DOS VENDEVAIS	Clássicos da literatura universal	ANA RIBEIRO	
Asa II	2012	O MONTE DOS VENDEVAIS		ANA MARIA CHAVES	2.ª
Civilização	2012	O MONTE DOS VENDEVAIS		MARIA FERNANDA CIDRAIS	
D. Quixote	2015	O MONTE DOS VENDEVAIS	Ficção Universal	ANA MARIA CHAVES	5.ª (revista)
Relógio d'Água	2016	O MONTE DOS VENDEVAIS	Clássicos para leitores de hoje; 1	PAULO FARIA	
Book Cover	2021	O MONTE DOS VENDEVAIS	Essenciais da literatura	LÚCIA NOGUEIRA	
Porto Editora	2022	O MONTE DOS VENDEVAIS	Clássicos Hoje	FILOMENA AGUIAR DE VASCONCELOS	
Clássica	2022	O MONTE DOS VENDEVAIS	Autores estrangeiros		

Assim, o livro foi introduzido em Portugal pela editora Inquérito em 1940 (quase um século depois da publicação original em Inglaterra), com a tradução realizada por Fernando de Macedo, incluída na coleção *Os Melhores Romances dos Melhores Romancistas*. Embora não seja possível obter dados relativos às tiragens, o número posterior de edições realizadas desta obra parece apontar para a “popularidade da mesma junto do público leitor português” (Costa, 2000: 7). Com efeito, no total, 15 editoras realizaram edições desta obra, entre os anos de 1940 e 2022, tendo sido igualmente efetuadas 11 traduções distintas neste período. No caso das editoras Europa-América e Relógio D’Água, estas apostaram em traduções realizadas por linguistas distintos (Maria Franco e Ana Maria Chaves; Maria Franco e Paulo Faria, respetivamente) para as diferentes edições.

Algumas traduções parecem ter adquirido um estatuto particular de referência, por terem sido aplicadas em diversas edições posteriores, pela mão de múltiplas editoras, como é o caso da tradução de Ana Maria Chaves. O exemplo mais emblemático, no entanto, é a tradução realizada por Maria Franco e João Cabral do Nascimento, pela primeira vez publicada em 1960, a qual foi aplicada em diversas edições d’*O Monte dos Vendavais* ao longo da segunda metade do século XX e até 2007, ano da edição em análise pela Relógio D’Água. Pelo contrário, a tradução

efetuada por Paulo Faria constituiu, à data de publicação em 2016, uma tradução totalmente nova de *Wuthering Heights* e até hoje apenas foi publicada pela Relógio D'Água, no âmbito da coleção *Clássicos para os leitores de hoje*. Por estas razões, pelo facto de esta editora apenas ter disponibilizado duas edições do livro e estas possuírem uma distância temporal relevante entre si (cerca de 10 anos), consideramos este caso particularmente interessante para comparação, análise e levantamento de conclusões.

A seguir à nova tradução realizada por Paulo Faria, surgem outras novas traduções, nomeadamente pela mão de Lúcia Nogueira e Filomena Aguiar de Vasconcelos, quebrando com as anteriores traduções de referência. Não sabemos, porém, qual a tradução utilizada na edição mais recente do romance em Portugal, publicada pela Clássica Editora em 2022¹³, enquanto parte da coleção *Autores Estrangeiros*.

2.3.1 Contexto de publicação

A versão de 2007 disponibilizada pela Relógio D'Água, com tradução de Maria Franco e João Cabral do Nascimento, enquadra-se na coleção *Clássicos* desta editora, a qual, no momento de publicação de *O Monte dos Vendavais*, contava apenas com dezassete títulos internacionais (e mais onze em preparação). Sobre esta coleção em particular não foi possível encontrar informação mais detalhada, no entanto, ela tornou-se uma das “grandes marcas da editora”¹⁴, contando hoje com mais de uma centena de títulos de grandes autores ingleses, russos, franceses e portugueses (tal como é possível verificar no próprio site da editora¹⁵).

Já a edição de 2016, com nova tradução proposta por Paulo Faria, seria o primeiro livro da coleção intitulada *Clássicos para os leitores de hoje*, criada em comemoração pelos 35 anos da fundação da Relógio da Água (em 1982). Composta

¹³ Esta informação encontra-se igualmente indisponível no site da editora, em: <https://classicaeditora.pt/livro/145037>.

¹⁴ Informação disponível em: <https://www.bertrand.pt/blogue-somos-livros/noticias/artigo/relogio-d-agua-celebra-40-anos-com-varias-novidades/205465>

¹⁵ Informação disponível em: <https://www.relogiodagua.pt/categoria-produto/classicos/>

por um total de 50 títulos publicados (ao ritmo de 3 títulos por mês entre os anos de 2016 e 2017), a coleção compreenderia, além de títulos inéditos no catálogo da editora, um conjunto de obras clássicas traduzidas que já faria parte do mesmo, a preços considerados acessíveis ao público geral. De acordo com uma publicação nas redes sociais da editora:

A RA, que publicou já mais de uma centena e meia de clássicos, confirma deste modo a sua vocação de dar a ler autores a quem o tempo não retirou, antes reforçou, a atualidade.

(Relógio D'Água, 2016)

Consideramos assim que, tanto no caso de uma versão como da outra, o principal objetivo da edição passou pela disponibilização do texto clássico a todo e qualquer leitor português com interesse em conhecer ou reencontrar as grandes obras clássicas da literatura. Num artigo redigido pelo próprio Francisco Vale, editor da Relógio D'Água, para o Jornal de Letras em agosto de 2022, este refere o seguinte como motivação:

A Relógio D'Água tem hoje no seu catálogo mais de dois mil títulos, nenhum deles escolhido apenas a pensar nas vendas. Inclui a maior parte dos clássicos ingleses, russos, franceses, alemães e até alguns latinos; uma coleção de ficção traduzida com centenas de romances e contos; uma outra de poesia reconhecida pela qualidade; e ensaios que foram marcantes no pensamento.

(Vale, 2022)

Com esta reflexão, Francisco Vale evidencia a dupla faceta do editor, que não assume apenas o papel de agente ao serviço do sucesso comercial dos projetos editoriais (embora essa preocupação não possa de modo algum ser ignorada); refere, de modo implícito, o papel de agente cultural e literário ao serviço de uma sociedade (como observado no ponto 2.2.3). É de notar o facto de o nome desta coleção apontar para aspetos da definição de clássico (como a relevância atual de uma obra antiga) e como a retradução e a reedição foram tidas como necessárias “para os leitores de hoje”.

No entanto, a edição de 2016 parece conter uma componente mais pedagógica e de maior fidelidade ao romance original redigido por Emily Brontë. Procederemos de seguida a uma análise comparativa das duas edições, para se poder atingir conclusões mais fortes e compreender quais são as principais alterações que se verificam, assim como estas podem impactar a experiência de leitura, mantendo-se em comum o mesmo editor.

2.3.2 Análise comparativa das duas edições de *Wuthering Heights* publicadas pela Relógio D'Água

Através da análise empírica e comparação das duas edições, foi possível elencar as principais alterações editoriais e textuais verificáveis, agrupando-as nos seguintes grandes conjuntos de características: a) formato e tamanho do livro; b) aspeto visual ou design; c) organização interna e paratextos; d) diferenças a nível textual.

2.3.2.1 Formato e tamanho do livro

Começamos por resumir, no Quadro 3 abaixo, algumas informações gerais sobre as duas versões, relativas ao tamanho e formato dos livros, disponíveis no site da editora Relógio D'Água¹⁶:

Quadro 3 - Características gerais das duas edições de *O Monte dos Vendavais* publicadas pela editora Relógio de Água

Título	O Monte dos Vendavais	O Monte dos Vendavais
Data de publicação	22/11/2007	22/02/2016
Coleção	Clássicos	Clássicos para os leitores de hoje
Número de páginas	412	432
Tamanho	13,8 x 21 cms (ligeiramente inferior a A5)	14,8 x 22,5 cms (tamanho A5)
Tipo de capa	Capa Mole	Capa Mole
Peso	514 gramas	610 gramas

¹⁶ Informações disponíveis em: <https://www.relogiodagua.pt/produto/o-monte-dos-vendavais/> e <https://www.relogiodagua.pt/produto/o-monte-dos-vendavais-2/>

Conforme sumariado, é possível constatar desde logo algumas semelhanças e distinções. Ambas as versões de *Wuthering Heights* possuem capa mole, a qual torna o livro mais leve e portátil para o leitor. Permite igualmente custos de produção menos elevados (por oposição à capa dura), por isso, um preço final mais atrativo para o consumidor português, e permitindo eventualmente alcançar um número superior de compradores. Relembremos que, particularmente no caso da coleção *Clássicos para os leitores de hoje*, a acessibilidade dos preços era um aspeto relevante e intencional.

No que se refere à edição de 2016, esta possui, no entanto, mais conteúdo editorial que a anterior, evidenciado pelo número claramente superior de paratextos, bem como organização interna distinta (ver ponto 2.3.1.3 para mais detalhes a este nível). Tal significa, por um lado, um número superior de páginas; por outro, a necessidade de um livro de tamanho ligeiramente maior (tanto em altura como largura), que permita a incorporação de uma quantidade maior de texto numa só página, algo igualmente proporcionado pelo tamanho de letra ligeiramente inferior na versão de 2016. Assim, a versão mais recente apenas contém mais 20 páginas que a anterior, apesar da diversidade de conteúdo editorial. Deste modo, e através de outros elementos descritos abaixo, é perceptível o facto de que, embora se trate da mesma obra literária preparada pelo mesmo editor, o objeto livro no qual esta se materializa é bastante distinto.

2.3.2.2 Aspeto visual ou design

No que ao aspeto visual diz respeito, denotam-se diferenças mais imediatas e significativas entre as duas edições.

a) Capa do livro

Como é possível observar nas figuras abaixo, a edição de 2007 conta com uma capa totalmente amarela que inclui uma gravura, em perfil, da autora do livro (Emily Brontë) ocupando cerca de um terço da mesma. Não existe qualquer elemento de design relacionado com o enredo ou o género literário, focando-se o resto da capa na transmissão de informação relevante para o leitor, nomeadamente: o título da obra, o qual se destaca na posição central da capa, redigido a letras maiúsculas e cor chamativa laranja; abaixo deste, a identificação da autora, embora a cor preto e com

tamanho de letra mais pequeno; de seguida, e com tamanho de letra ainda inferior, a constatação de que o livro inclui um prefácio da autoria de Hélia Correia. Por fim, já a nível do rodapé, encontra-se a indicação do título da coleção a que o livro pertence (“Clássicos”), bem como da editora que o publica.

Figura 2 - Imagens das capas das duas edições de *Wuthering Heights* publicadas pela editora Relógio d'Água



Já a edição de 2016 adota um aspeto mais moderno e impactante através da imagem de uma silhueta, a qual se encontra parada num campo, voltada de costas para uma grande árvore nua, cujos ramos sem folhas se estendem, ocupando espaço na capa. Esta imagem parece relacionar-se com a atmosfera mística e natural que permeia a narrativa de Emily Brontë, permitindo, de certo modo, antever o clima de mistério que atravessa a obra, a qual se desenrola nos desolados montes do Yorkshire. O amarelo sólido da edição de 2007 é assim substituído por tons de azul claro, cinza e negro; no primeiro caso, são os elementos informativos que ocupam o maior espaço da capa, no segundo, é a própria imagem.

Ainda no que se refere à edição de 2016, é no cabeçalho que se encontra o nome da editora e o título da coleção a que o livro pertence (*Clássicos para os leitores de hoje*), ao contrário da versão anterior. Sem dúvida, o elemento que merece novamente destaque é o título da obra, inscrito a letras brancas sobre fundo negro e tamanho de letra grande na parte inferior da capa. Imediatamente abaixo encontram-se duas informações: o nome do tradutor, Paulo Faria e o (mesmo) prefácio redigido

por Hélia Correia. O segundo elemento de maior destaque é o nome da autora, redigido a cor azul.

Verifica-se assim que a abordagem estética é completamente distinta nos dois casos. Outra diferença é o facto de que, embora seja destacado o nome de Hélia Correia na capa, nas duas versões, apenas a versão mais recente inclui o nome do tradutor. Colocar o nome de Hélia Correia, uma importantíssima e premiada autora portuguesa contemporânea (conhecida de Francisco Vale e publicada pela Relógio D'Água), a qual redigiu um prefácio especificamente para a edição de 2007 de *Wuthering Heights*, poderá ativar a curiosidade do leitor português. Já o nome de Paulo Faria, poderá ter servido não só como forma de anunciar o facto de esta se tratar de uma nova tradução da obra, mas ainda capitalizar sobre o facto de que este tradutor havia ganho, no ano anterior, o Grande Prémio de Tradução da Associação Portuguesa de Tradutores e da Sociedade Portuguesa de Autores pela tradução de um outro clássico da literatura inglesa *História em duas cidades*¹⁷, de Charles Dickens.

b) Quarta capa

No que concerne a quarta capa, a edição de 2007 apresenta o mesmo fundo amarelo, voltando a colocar em evidência o título da obra, o qual se encontra no espaço superior, centrado, em letras maiúsculas e tom laranja chamativo. Ao invés de uma sinopse ou resumo da narrativa de Emily Brontë, o leitor pode ver um excerto do prefácio redigido por Hélia Correia (dois parágrafos completos deste paratexto), com enfoque na unicidade entre autora e obra: “Poucas obras tiveram tempo de concepção tão prolongado como *Wuthering Heights* que, na verdade, deve ter nascido no dia em que nasceu Emily Brontë. Nunca entre um livro e o seu autor aconteceu maior intimidade, no sentido de crescimento em pura simbiose”. Esta citação possui ainda assim forte utilidade, oferecendo uma nova perspetiva e contextualização sobre uma obra cujo enredo principal já será de certa forma conhecido pelo público em geral (a paixão entre Catherine e Heathcliff), e colocando a ênfase na singularidade da autora, com biografia enigmática e indefinida: nenhum outro autor poderia ter escrito *Wuthering Heights* e Emily é tão mística quando esta sua obra.

¹⁷ Informação disponível em: <https://www.paulofaria.org/sobre>

Comparativamente, a quarta capa da edição de 2016 apresenta três citações de autores reconhecidos. A primeira citação, retirada do mesmo prefácio de Hélia Correia, e que corresponde exatamente à passagem transcrita acima, sobre a unicidade entre autora e obra. De seguida, uma observação de Virginia Woolf e outra de Dante Gabriel Rossetti, os quais refletem aspetos da qualidade da escrita de Emily Brontë, nomeadamente a natureza simultaneamente humana e monstruosa das personagens (Virginia Woolf enfatizando mais o lado profundamente humano, Dante Gabriel Rossetti evidenciando o lado diabólico). Estas breves reflexões constituem descrições enigmáticas que deixam antever um texto singular que constitui mais que um mero retrato típico de um amor impossível entre duas personagens da literatura. Assim, poderão despertar a curiosidade do potencial leitor.

Em qualquer um dos casos, no entanto, parece que a editora admite que o potencial comprador terá, com probabilidade, um certo grau de familiarização com a obra ou, pelo menos, com o título e o nome da respetiva autora (já que possuem o estatuto de clássico da literatura estrangeira). Desta forma, aposta principalmente no capital cultural e simbólico destes dois para a comercialização dos livros. Assim, se explica que tanto capa como quarta capa das duas edições não apresentem informação relativamente ao enredo, personagens ou género literário, destacando-se a autora, as suas qualidades e a relevância do texto na perspetiva de outros autores de renome.

Apesar das diferenças estéticas notórias, consideramos este um ponto de semelhança entre as duas versões e que advém do próprio estatuto de clássico da obra em questão.

c) Miolo do livro

Por fim, referimo-nos aos elementos que compõem o miolo do livro.

Verificamos que a edição de 2007 possui páginas brancas e a de 2016 páginas com coloração amarelada, o que permite reduzir custos de produção e facilita a leitura, evitando o cansaço visual (Cerquiglioni, 2016). Nenhuma das edições contém ilustrações (tal como o texto original), apresentando texto corrido.

A edição de 2007 contém ainda o número de página identificado no rodapé, ao centro. Já a edição mais recente de *Wuthering Heights* apresenta o número de página no topo (mais concretamente: no canto superior esquerdo, no caso das páginas pares; no canto superior direito, no caso das páginas ímpares). É igualmente retomado o nome da autora no canto superior direito das páginas ímpares – exceto nos paratextos, que contém nesta posição o título do respetivo paratexto – enquanto o título do livro é retomado no canto superior esquerdo das páginas pares ao longo de toda a obra. Esta versão torna a organização interna mais clara e bem identificada.

Como referido acima, o tamanho da letra é distinto, sendo inferior na edição de 2016.

2.3.2.3 Organização interna e paratextos

Ao efetuar a comparação entre os dois livros, foi notória a diferença a nível de conteúdos e de organização interna entre ambos. Apresenta-se abaixo um quadro que resume as dissemelhanças detetadas:

Quadro 4 - Comparação da Organização Interna das duas edições de *O Monte dos Vendavais* publicadas pela editora Relógio de Água

OBRA	O MONTE DOS VENDAVAIS, EDIÇÃO DE 2007	O MONTE DOS VENDAVAIS, EDIÇÃO DE 2016
ORGANIZAÇÃO	• Capa • Folha de guarda • Cortina • Ficha técnica • Cortina • Prefácio • Capítulos I a XXIV • Volumes da mesma coleção • Quarta Capa	• Capa • Verso da capa • Folha de guarda • Cortina • Ficha técnica • Cortina • Prefácio • Nota Introdutória do Tradutor • A Genealogia de O Monte dos Vendavais • Cortina • Cortina – Volume 1

	• Capítulos I a XIV • Cortina – Volume 2 • Capítulos I a XX • Notas • Posfácio da Organizadora à Nova Edição • Índice • Quarta Capa
--	---

Este quadro permite, por um lado, identificar de imediato a riqueza de paratextos que a edição mais recente em análise contém: além do prefácio por Hélia Correia, fazem parte do livro uma biografia de Emily Brontë, a qual se encontra na aba da capa; uma nota introdutória do tradutor Paulo Faria; um esquema que representa a genealogia da família Earnshaw/Linton (igualmente presente na edição original editada em 1847); notas à tradução realizada; o posfácio redigido por Charlotte Brontë para a segunda edição de *Wuthering Heights* (publicada em 1850) e, por fim, um índice de conteúdos. Já a versão anterior do mesmo livro, com maior simplicidade a este nível, apenas apresenta o prefácio e, no final, uma lista de livros que pertencem à mesma coleção *Clássicos*.

Por outro lado, o Quadro 4 permite observar que, embora se trate da mesma obra literária e do mesmo editor, a organização interna apresentada ao leitor é completamente distinta: enquanto a edição de 2007 não se encontra dividida em volumes, mas repartida por 34 capítulos sucessivos; a edição de 2016 opta por uma maior aproximação ao original, repartindo os 34 capítulos pelos dois volumes em que foi inicialmente redigido e publicado em 1847. Com efeito, trata-se exatamente da mesma obra, mas a versão mais recente permite perceber que o texto redigido por Emily Brontë se encontrava separado em dois volumes, o que se mostra lógico tendo em conta a própria narração: o primeiro volume foca-se na paixão entre Catherine e Heathcliff; o segundo volume foca-se sobretudo na geração seguinte à destas personagens. Destacamos os seguintes elementos:

a) Prefácio

O prefácio não sofreu qualquer atualização, sendo exatamente o mesmo nas duas edições (inclusivamente, a mesma ortografia). Contém uma reflexão crítica sobre

a obra e a sua autora, referindo a receção da mesma no ano e contexto de publicação, informando sobre o ambiente familiar, social, cultural e geográfico em que cresceu Emily Brontë, os principais temas da obra e o porque esta se mantém relevante; por fim, uma nota sobre a tradução do título em português.

b) Nota introdutória do tradutor

Redigido por Paulo Faria, tradutor da versão de 2016, esta nota introdutória permite contextualizar a nova tradução, nomeadamente as pesquisas efetuadas, a bibliografia consultada e a justificação de algumas opções tomadas, ficando claro o princípio da fidelidade ao original.

c) Outros paratextos

Como referido acima, a edição de 2016 apresenta grande riqueza a nível dos paratextos. Daqueles que ainda não foram referidos, destacamos o esquema genealógico da família Earnshaw/Linton, cuja edição original de 1847 também contém, e que permite a compreensão das relações familiares entre as diferentes personagens do romance (por vezes dificultada por nomes semelhantes entre diferentes personagens). A versão de 2016 contém ainda o posfácio redigido pela irmã de Emily, Charlotte Brontë, aquando da segunda edição do romance em 1850, o qual reflete sobre a receção da obra e defende o romance perante as críticas negativas recebidas.

Por fim, referimos o conjunto de notas explicativas no final, assim como o índice remissivo. Este índice permite ao leitor obter uma visão global da estrutura do livro e respetivas partes constituintes, oferecendo maior orientação e facilitando, deste modo, a compreensão. Comparativamente, a edição de 2007 conta apenas com uma página onde são indicados outros títulos publicados no âmbito da mesma coleção.

Assim se verifica que a edição de 2016 teve por objetivo uma maior transparência e compreensão global da obra, dando a conhecê-la em profundidade. Por um lado, coloca em destaque o próprio processo tradutivo, através da nota introdutória do tradutor, onde este oferece explicações para as escolhas tradutivas realizadas (não há invisibilidade do tradutor, nem da tradução); por outro lado, proporciona uma experiência de leitura guiada e contextualizada, dando a conhecer a autora, o contexto da obra, as personagens e sua genealogia, bem como as reflexões

de Charlotte Brontë sobre a receção do texto na Inglaterra do século XIX, aquando da publicação da segunda edição em 1850.

2.3.2.4 Alterações textuais

Embora as edições contem apenas com 9 anos de distância entre si, as traduções distam bastante mais, já que a tradução de Maria Franco e João Cabral do Nascimento foi pela primeira vez publicada em 1960, como apresentado no Quadro 2 acima. Esta tradução foi empregue em diversas edições de *Wuthering Heights* em Portugal até 2007 (Europa-América, Portugália, Círculo dos Leitores).

É importante notar o facto de que ambas as edições possuem o título traduzido da mesma forma, *O Monte dos Vendavais*, que é o título que adquiriu notoriedade em Portugal e pelo qual esta obra é reconhecida na cultura portuguesa. É através deste título que o potencial leitor identifica de imediato de que obra se trata, o que constitui um forte argumento para a sua preservação na edição mais recente. No entanto, outros títulos foram propostos por outros tradutores e editores ao longo do tempo, como *O Monte dos Ventos Uivantes* ou *O Alto dos Vendavais*. Relativamente às diferenças a nível textual, referiremos apenas as principais tendências detetadas, já que estas não constituem o foco essencial do presente caso de estudo.

O primeiro conjunto de diferenças observáveis a nível textual entre as duas versões diz respeito à ortografia, pontuação e divisão em parágrafos. Observa-se, em primeiro lugar, que a tradução mais antiga utiliza, naturalmente, as normas ortográficas anteriores ao Novo Acordo Ortográfico de 1990. Isto já não se verifica na tradução mais recente, que adota o referido acordo (exceto no que toca o prefácio de Hélia Correia, que se mantém com a ortografia original da redação em 2007).

De seguida, é notória a aplicação de diferentes abordagens naquilo que concerne a adaptação da pontuação à língua de chegada. O exemplo mais notório é a aplicação regular do travessão, o qual constitui uma característica da escrita inglesa do século XIX, não sendo de todo usual na língua portuguesa. Maria Franco e João Cabral do Nascimento optam, por isso, por quase eliminar este traço particular, substituindo-o na maior parte das vezes por outro tipo de pontuação (maioritariamente por reticências). Já Paulo Faria escolhe preservar alguns usos do travessão, nomeadamente

quando este é aplicado em momentos de narração ou descrição; substituindo, noutros casos (como em momentos de discurso direto), por pontuação variada, consoante o contexto e o efeito que se pretende no leitor (reticências, ponto e vírgula, ponto de exclamação, etc.). Enquanto, de um lado, é acima de tudo preservada a convenção portuguesa; do outro, procura-se preservar um elemento que é característico da época e da cultura em que a obra foi escrita, sem, no entanto, se afetar a compreensão do leitor.

Quadro 5 – Exemplo de distintas abordagens quanto à pontuação entre a tradução de Maria Franco e João Cabral do Nascimento e a tradução de Paulo Faria

1801 – I have just returned from a visit to my landlord – the solitary neighbour that I shall be troubled with. (Brontë, 1847: 1)	...1801 Acabo de visitar o meu senhorio: o meu vizinho solitário, o único que tenho neste ermo a que me abriguei. (Brontë, 2007: 31)	1801 – Acabo de regressar de uma visita ao meu senhorio – o vizinho solitário que me irá doravante ocupar os pensamentos. (Brontë, 2016: 37)
---	---	--

Indo um pouco mais longe, a própria organização do texto em parágrafos mostra-se, no caso da tradução aplicada na edição de 2007, bastante distinta do texto originalmente publicado em 1847, havendo uma tentativa recorrente de condensação de vários parágrafos curtos num bloco maior de texto, por vezes mesmo disrompendo com certas convenções da língua portuguesa, por exemplo, as regras de introdução de discurso direto (ver quadro 6).

Em comum, estas três diferenças contribuem para duas traduções com objetivos distintos: uma primeira, em que se procura uma maior adaptação às convenções da língua portuguesa; uma segunda, em que se procura aliar o respeito das convenções com a preservação dos traços particulares da autora e da época em que a obra original foi redigida.

Quadro 6 - Exemplo de distintas abordagens quanto à divisão em parágrafos entre a tradução de Maria Franco e João Cabral do Nascimento e a tradução de Paulo Faria

The intense horror of the nightmare came over me; I tried to drawback my arm, but, the hand clung to it, and a most melancholy voice, sobbed, « Let me in – let me in! » « Who are you? » I asked, struggling, meanwhile, to disengage myself. (Brontë, 1847: 52)	Dominou-me o intenso horror do pesadelo. Quis recolher o braço: a mão prendeu-o, e uma voz repassada de tristeza começou implorado «Deixa-me entrar... deixa-me entrar» «Quem és tu?», perguntei, esforçando-me entretanto por me desembaraçar daquela mão. (Brontë, 2007: 56)	O horror intenso do pesadelo invadiu-me; tentei retirar o braço, mas a tal mão agarrava-mo, e uma voz incrivelmente melancólica soluçava: - Deixa-me entrar! Deixa-me entrar! - Quem és tu? – perguntei, enquanto me debatia, tentando libertar-me. (Brontë, 2016: 62).
---	--	---

No entanto, as diferenças de maior impacto prendem-se com as distintas abordagens no que respeita o discurso das personagens, as formas de tratamento utilizadas, bem como na alteração de elementos textuais para uma experiência de leitura mais dramática ou emocionante.

Embora os dois principais narradores do romance, Mr. Lockwood – um cavalheiro da alta sociedade – e Ellen Dean – governanta e criada de casa, que teve educação e acesso ao livros da família Earnshaw – falem de maneira geral num tom formal e erudito, sendo esta igualmente uma característica dos romances ingleses do século XIX; a tradução de Maria Franco e João Cabral do Nascimento opta por conferir-lhes uma linguagem um pouco mais informal, com marcas de oralidade e, por vezes, com recurso a expressões idiomáticas.

Na verdade, e indo mais longe na análise, verifica-se uma amenização dos diferentes discursos das diferentes personagens, uma tentativa de *standardização* destes na transferência para o português. Embora isto facilite a sua leitura, suprime ao mesmo tempo um aspeto importante da obra de Emily Brontë: os modos de falar enquanto reveladores das distinções socioeconómicas entre os intervenientes na história, os quais são evidenciados por pronúncias diferentes, formulações mais ou menos torpes, ocorrência de erros gramaticais, uso de expressões populares, entre

outros. Estes discursos servem igualmente para evidenciar as personagens que ascendem socialmente, como o caso de Heathcliff, cuja fala é aprimorada ao longo da obra.

O exemplo mais evidente será o do criado Joseph, cujas falas transmitem o uso de uma pronúncia do Yorkshire extremamente cerrada (e de difícil compreensão para os nativos ingleses):

Quadro 7 - Exemplo de distintas abordagens quanto às falas de Joseph entre a tradução de Maria Franco e João Cabral do Nascimento e a tradução de Paulo Faria

T' maister nobbut just buried, and sabath nut oe'red, und t'sabnd, uh't gospel still i' yer lungs, and yah darr be laiking! Shame on ye! (Brontë, 1847: 43)	O patrão mal foi enterrado, o sábado não chegou ao fim, as palavras do Evangelho ainda soam aos ouvidos e vocês já se divertem! Que escândalo! (Brontë, 2007: 51)	O amo ont'agora na terra e o domingue inda nem s'acabou e os meninos inda há néquinha ouviriam os Evangelhos, e têm o ardimento de s'tar praí na reinação?! Nã tem vergonha? (Brontë, 2016: 57)
---	---	---

Verifica-se uma vez mais que a tradução mais recente opta pelo princípio da fidelidade ao original, procurando transpor o dialeto do Yorkshire para a realidade portuguesa, embora, obviamente, não haja correspondência direta entre dialetos. Paulo Faria indica na sua nota introdutória que, para o efeito, se baseou na pronúncia beirã e contou com ajuda de locais. Já Maria Franco e João Cabral do Nascimento terão considerado como prioridade assegurar uma leitura sem perturbações, assim como uma compreensão total e direta dos diálogos.

As formas de tratamento são também abordadas de forma distinta. Enquanto na versão de Maria Franco e João Cabral do Nascimento, “Mr.” e “Mrs.” são traduzidos como senhor e senhora, Paulo Faria mantém as formas de tratamento em Inglês. A versão de Maria Franco chega a alterar, por vezes, a utilização destas formas de tratamento, por exemplo, no que respeita aos diálogos entre Ellen Dean e Catherine Linton. Estas duas personagens são próximas em idade e convivem desde pequenas, tratando-se pelo primeiro nome; no entanto, com o casamento, Catherine adquire estatuto social elevado e passa a ser referida pela criada Ellen como “Mrs. Linton”, o que não é mantido na tradução.

Por fim, um outro aspeto relevante prende-se com o facto de a edição de 2007 conter ainda certas adições que não nos são possíveis de explicar de outra forma, senão considerando o possível efeito dramático e emocionante no leitor:

Quadro 8 - Exemplo de adição na tradução de Maria Franco e João Cabral do Nascimento

Mrs. Linton sat in a loose, white dress, with a light shawl over her shoulders, in the recess of the open window, as usual. (Brontë, 1847: 3).	Catherine estava sentada, como de costume, junto da janela aberta. Ainda me parece vê-la! Trazia um vestido branco solto e um xaile leve sobre os ombros. (Brontë, 2007: 204)	Mrs. Linton, como habitualmente, estava sentada no recanto da janela, que se encontrava aberta, e tinha no corpo um vestido folgado branco, com um xaile leve a cobrir-lhe os ombros. (Brontë, 2016: 210).
--	---	--

No exemplo apresentado, a frase “Ainda me parece vê-la!”, a qual evidencia o facto de Ellen Dean se estar naquele momento a recordar de um episódio decisivo na vida de Catherine e que se lhe apresenta como inesquecível, enfatizando ainda a passagem do tempo desde a época que descreve, não se encontra na versão original em Inglês (nem na primeira nem na segunda edições da obra em questão, publicadas em 1847 e 1850, respetivamente).

As distintas perspetivas e exemplos aqui apresentados permitem verificar que diferentes traduções aplicam estratégias distintas, contribuindo para leituras distintas de uma mesma obra clássica.

3. DISCUSSÃO

3.1 Resultados

O presente caso de estudo permitiu, em primeiro lugar, evidenciar os tipos de modificações que são feitas aquando de uma reedição de um texto clássico; em segundo lugar, que uma nova edição da mesma obra clássica, ainda que se tratando do mesmo texto, e publicado pelo mesmo editor, poderá ter características marcadamente distintas e, desse modo, impactar a experiência do leitor.

No caso da edição de 2007, o leitor tem acesso a uma reconhecida obra clássica traduzida para português e que é conhecida do público em geral, podendo descobrir mais sobre a obra e a autora através do prefácio. No caso da edição de 2016, o leitor é imediatamente levado para o ambiente que permeia a narrativa de Emily Brontë através dos elementos de design; de seguida, existe um conjunto de componentes que permite não só uma contextualização mais aprofundada da obra, mas também uma mais forte compreensão da mesma.

Através do caso de estudo, é ainda possível compreender que uma característica relevante das reedições é a presença de conteúdo editorial suplementar, em particular a presença notória de paratextos. Estes, desde o prefácio às notas do tradutor, tornam evidente a distinção entre a versão mais recente e as anteriores, relevando as motivações e objetivos do editor que se encontram por detrás do investimento feito na sua produção. Também os elementos de design, como capa e quarta capa novas, estabelecem uma perfeita diferenciação entre as várias versões, apresentando de imediato o objeto livro como uma novidade aos olhos do potencial leitor.

Com efeito, após comparação das duas versões, concluímos que, na base da reedição da obra *Wuthering Heights* se encontram diversas motivações: as alterações entretanto ocorridas na norma ortográfica portuguesa; a necessidade de atualização do design; o envelhecimento e desgaste da tradução anterior (datada da década de 60); a possibilidade de alcançar novos públicos e compradores (os “leitores de hoje”, que podiam adquirir estas edições recentes a “preços acessíveis”); por fim, o contributo para a contínua afirmação da Relógio D’Água enquanto editora de livros de elevada reputação, relevância e qualidade literária. Mais importante,

consideramos que houve uma alteração nos objetivos editoriais entre uma versão e outra: enquanto a edição de 2007 parece ter sido realizada com o objetivo de disponibilizar ao público português um romance clássico inglês do século XIX, para sua leitura; a versão de 2016 demonstra valorizar uma compreensão mais profunda da autora, do seu romance e respetivo impacto, incluindo, por exemplo, a biografia da autora, um prefácio, o esquema geneológico da família Earnshaw, a nota introdutória do tradutor, diversas notas explicativas no final da obra ou o posfácio redigido por Charlotte Brontë para a segunda edição de *Wuthering Heights*.

Assim, a edição de 2016 surge com uma capa totalmente distinta; papel, paginação e tamanho de letra distintos; organização interna diferente, orientada para o leitor; conteúdo editorial suplementar, que permite uma experiência de leitura guiada e contextualizada; enfim, uma tradução totalmente nova e que segue uma abordagem diferente, com base na máxima fidelidade possível ao original redigido por Emily Brontë.

O caso de estudo revela ainda que as retraduições adotarão diferentes estratégias e escolhas tradutórias, nelas inscrevendo interpretações distintas de um mesmo texto, e que a reedição coloca em destaque o próprio processo de tradução (por exemplo, através da inclusão do nome do tradutor na capa, notas do tradutor, etc.), conferindo uma certa legitimidade à própria tradução. Num caso, existe um foco na experiência de leitura do público em geral, com linguagem padrão e marcas de oralidade, com recurso a expressões idiomáticas, tensão e efeito dramático; noutro caso, revela-se uma fidelidade quase absoluta ao original, na qual é preservada a escrita de Emily Brontë, o tom formal e linguagem erudita do narrador e personagens das altas camadas da sociedade, bem como os dialetos das restantes personagens.

É deste modo que o caso de estudo permite concluir que, mesmo havendo coexistência de múltiplas edições da mesma obra clássica num mesmo mercado, o consumidor não estará sempre a comprar o mesmo livro.

Note-se que não se pretendeu uma avaliação qualitativa das duas versões. Na verdade, cada versão foi produzida em contextos editoriais distintos, possui objetivos distintos e introduz elementos de novidade que estão de acordo com os mesmos, resultando numa distinta experiência de leitura. Uma nova tradução poderá constituir um desses elementos de novidade, seja por necessidade de atualização linguística, por

desadequação ou qualidade insuficiente das traduções já existentes, seja por alterações nos conhecimentos disponíveis ou nos paradigmas e filosofias vigentes. Tratando-se do mesmo texto clássico, até da mesma editora, discutiram-se dois livros muito distintos.

3.2 Limitações da presente dissertação e perspectivas futuras

Não obstante as análises detalhadas das edições, são necessários desenvolvimentos adicionais no que toca à investigação das motivações que podem explicar a reedição de clássicos da literatura pelos editores. A realização de entrevistas ou inquéritos a profissionais do setor da edição permitiria uma análise mais fina e detalhada, pois os estudos disponíveis são escassos e focam-se de forma superficial numa motivação económica: o facto de ter vendas garantidas e poupar custos com o domínio público. Enquanto agente com um duplo papel – económico e cultural – consideramos esta abordagem incompleta.

No que respeita o caso de estudo, não foi aplicada nenhuma lista de critérios para a comparação de reedições, apenas observadas as diferenças perceptíveis entre os dois volumes físicos. Seria interessante o desenvolvimento de uma lista de critérios que pudesse fomentar uma confrontação mais detalhada e objetiva entre edições.

Embora tenha sido possível, ainda assim, retirar um conjunto diverso e importante de conclusões, seria pertinente, num futuro estudo, efetuar-se a comparação entre mais do que duas edições da mesma obra, de modo a retirar dados mais consequentes dessa análise. (por exemplo, a análise das diferentes edições que utilizam uma mesma tradução, colocando em evidência a componente editorial).

CONCLUSÕES

A presente dissertação, redigida no âmbito do Mestrado em Edição de Texto, propôs-se a investigar sobre a reedição e retradução de clássicos da literatura, com enfoque particular nas diferentes motivações para a produção destas (re)iteraões; nos principais tipos de alterações verificáveis, a nível editorial e linguístico aquando de uma reedição (utilizando, para esse fim, um caso de estudo); por fim, no impacto destas modificações na experiência de leitura.

Foi possível verificar que a tradução editorial ocupa um espaço relevante no setor editorial português, estimando-se que cerca de um quarto das obras editadas atualmente sejam importadas do estrangeiro e traduzidas, numa tendência potencialmente crescente e que atingiu em alguns momentos os 30%. No entanto, estas ilações apenas foram possíveis através da leitura de dados indiretos disponibilizados pelo Pordata e pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. A recolha e disponibilização de dados atualizados e estudos sistematizados sobre o mercado editorial português parece carecer de desenvolvimento.

Observou-se que as obras de ficção possuem igualmente relevância, correspondendo, no ano de 2023, a 32% dos livros vendidos em Portugal. Não é possível obter dados concretos relativamente à edição e venda de clássicos da literatura no nosso país, no entanto, este tipo de títulos continua a ser do interesse dos leitores, bem como parte de reputadas editoras – como a Relógio D'Água – levando mesmo à coexistência de diferentes versões de uma mesma obra num mercado tão pequeno quanto o português.

Após definição de cada um dos três conceitos-chave, foram analisadas, a partir de bibliografia diversa, as diferentes motivações que pudessem explicar a reedição de clássico da literatura pelas editoras. Foram detetadas motivações de cariz textual, relacionadas com alterações nas normas linguísticas, nas tecnologias ou conhecimentos disponíveis, assim como nas próprias abordagens e filosofias tradutivas em vigor – as quais conduzem à necessidade de atualização dos textos. Ademais, foram detetadas motivações de cariz económico, relacionadas com a maior probabilidade de sucesso comercial e de garantia de um mínimo número de vendas;

por fim, motivações de cariz simbólico, relacionadas com a projeção de um tipo de imagem prestigiada e da valorização do papel do editor enquanto promotor do património literário.

Embora não exista uma definição única de “clássico”, foi possível averiguar que este tipo de texto pressupõe, em si mesmo, a múltipla retradução e reedição, que funcionam como atividades de perpetuação deste mesmo estatuto. Por outras palavras, poderá afirmar-se que o texto clássico é aquele que é continuamente retraduzido e reeditado ao longo do tempo. As múltiplas traduções e edições ajudam os textos a alcançar ou a manter o estatuto de clássico, e, por sua vez, tal estatuto estimula a produção de novas traduções e edições.

Indo mais além, a retradução e a reedição pressupõem elas próprias uma dança permanente com o conceito de *novidade*: não apenas pelo facto de o clássico sobreviver ao tempo, revelando sucessivamente novas leituras e interpretações, conduzindo a novos discursos críticos sobre o mesmo; mais ainda por serem necessários elementos de originalidade que sejam atrativos para o consumidor, e que o levem a escolher aquela (re)edição ou (re)tradução em detrimento das versões concorrentes. Estes elementos acabam por revelar o valor acrescentado da edição: um novo formato, novos paratextos, novos elementos de design, novas ilustrações. A própria retradução – ou, melhor, “nova tradução” – poderá sem dúvida constituir um destes elementos de novidade que colocam em destaque uma edição. O editor compreende isso e pode evidenciar o próprio processo tradutivo, destacando o nome do tradutor na capa, permitindo que este escreva um prefácio ou nota, no qual este reflete sobre o processo tradutivo e estratégias aplicadas.

Com efeito, para garantir o sucesso comercial do seu projeto num contexto desafiante, ameaçado pelo domínio público e a disponibilização de versões digitais gratuitas na Internet, o papel do editor sai revalorizado e reafirmado, nomeadamente através do reforço do conteúdo editorial (no caso concreto analisado, os paratextos, que conferem uma experiência de leitura guiada e contextualizada, constituindo este o ponto de diferenciação), bem como da atratividade de todos os elementos que constituem o objeto livro (incluindo o aspeto visual). Todos estes elementos constituem uma novidade que sobressai num contexto em que a obra literária em si, bem como o respetivo autor, são já antigos e do conhecimento do grande público.

Adicionalmente, estes elementos de novidade transformam os textos clássicos em produtos culturais distintos, conferem-lhe singularidade e impactam significativamente a experiência de leitura. Estes foram os pontos comprovados pelo caso de estudo, a comparação entre duas edições e traduções da obra *Wuthering Heights* pela mão da Relógia D'Água (2007 e 2016).

É necessário, no entanto, reconhecer que a presente dissertação tem as suas limitações. A reedição e retradução de clássicos constitui um tema de interseção entre duas áreas complementares – a os estudos de tradução e os estudos editoriais – que sem dúvida carece de maiores desenvolvimentos. A investigação nesta temática em particular é escassa, e deve, no futuro, ser complementada por entrevistas ou inquéritos a tradutores e editores. Embora o caso de estudo revele conclusões importantes, estas poderiam ser de maior consequência e impacto, se baseado na comparação entre mais do que duas edições da mesma obra e seguindo um método pré-definido, com um conjunto de critérios para a comparação entre diferentes edições de um mesmo livro.

Sabemos, assim, que se encontra aberto o caminho para uma variedade de estudos que possam complementar as perspetivas e discussões aqui apresentadas.

BIBLIOGRAFIA

- Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. (2024). *Dados do Mercado – GfK. Total de 2023*. APEL. <https://www.apel.pt/wp-content/uploads/2024/09/YTD-2023.png>
- Berman, A. (1984). *L'épreuve de l'étranger, culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Gallimard
- Berman, A. (1990). La retraduction comme espace de la traduction. *Palimpsestes*, 4, 1-7. <https://doi.org/10.4000/palimpsestes.596>
- Bertrand Livreiros. (2022, Maio 3). *Relógio D'Água celebra 40 anos com várias novidades*. Blogue Somos Livros. <https://www.bertrand.pt/blogue-somos-livros/noticias/artigo/relogio-d-agua-celebra-40-anos-com-varias-novidades/205465>
- Brontë, E. (1847). *Wuthering Heights. A novel*. Thomas Cautley Newby. <https://archive.org/details/wutheringheights01bron>
- Brontë, E. (2007). *O Monte dos Vendavais*. Relógio D'Água
- Brontë, E. (2016). *O Monte dos Vendavais*. Relógio D'Água
- Brontë, E. (1847) *Wuthering Heights: A novel*. Thomas Cautley Newby. Volume 1. <https://archive.org/details/wutheringheights01bron/page/n7/mode/2up>
- Brontë, E. (1847) *Wuthering Heights: A novel*. Thomas Cautley Newby. Volume 2. <https://archive.org/details/wutheringheights02bron>
- Calvino, I. (1994). *Porquê ler os clássicos*. Teorema
- Cerquiglini, B. (2016). De quoi les classiques sont-ils le nom ? Marketing et patrimoine. *Littératures classiques*, 91, 45-57. <https://doi.org/10.3917/licla1.091.0045>
- Collombat, I. (2004). Le XXIème siècle : l'âge de la retraduction. *Translation Studies in the New Millenium*, 2, 3-15. <https://univ-sorbonne-nouvelle.hal.science/hal-01452331v1>

- Costa, S. (2000). *O efeito do tempo na tradução. Marcas do desfasamento temporal em duas traduções de Wuthering Heights*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Repositório Institucional da Universidade do Porto. <file:///C:/Users/CoelhoM/Downloads/000080473.pdf>
- Faria, P. Nota Biográfica. *Paulo Faria Escritor | Tradutor*. <https://www.paulofaria.org/sobre>
- Ferro, M. J. (2016, Maio 4 – Maio 6). *A tradução de originais em língua portuguesa na Europa*. 3.º Congresso Internacional — Pelos mares da língua portuguesa. Aveiro. https://run.unl.pt/bitstream/10362/26554/1/CLUNL_Ferro_traducao.pdf
- Gomes, Rui Telmo et al. (2005). Um Mercado de Trabalho Feminizado: Oportunidades e Constrangimentos na Edição de Livros em Portugal. *Culture-Biz: Locating Women as Film and Book Publishing Professionals in Europe* (pp.139-174). ARcult Media
- Heilbron, J. (2010, Fevereiro 22 – Fevereiro 23). *Structure and dynamics of the world system of translation*. UNESCO International Symposium “Translation and Cultural Mediation”. https://ddd.uab.cat/pub/1611/1611_a2015n9/1611_a2015n9a4/Heilbron.pdf
- Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia (EUIPO). (2024, Fevereiro 14). *Direitos de autor: Obras de arte que entram no domínio público em 2024*. EUIPO. <https://www.euipo.europa.eu/pt/news/copyright-artworks-entering-the-public-domain-in-2024>
- International Publishers Association (2023). *International Publishing Data 2023*. International Publisher’s Association. <https://internationalpublishers.org/international-publishing-data-2023/>
- Koffeman, M. & Smeets, M. (2021). Touche pas à mes souvenirs: pourquoi retraduire les classiques ?. *RELIEF – Revue électronique de littérature française*, 15(1), 1-9. doi.org/10.51777/relief10897

- Marques, J. E. (2016, Agosto 9). *Os nossos valores são os velhos clássicos*. Jornal Observador. <https://observador.pt/2016/08/19/os-novos-valores-sao-os-velhos-classicos/>
- Monti, E. (2011). Introduction: La retraduction, un état des lieux. *Autour de la retraduction: perspectives littéraires européennes* (pp.9-20). Orizons.
- Monti, E. (2024, Fevereiro 13), Why retranslate the literary classics? *The Conversation*. <https://theconversation.com/why-retranslate-the-literary-classics-222211>
- Martins, M. do A. P. (2021). A tradução no Brasil e a retradução de clássicos: algumas considerações. *Tradterm*, 39, 151-173. <https://doi.org/10.11606/>
- Pordata (2023). *Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos (1985-2022)*. [https://www.pordata.pt/sites/default/files/2024-06/Portugal Títulos em língua portuguesa total originais e traduzidos.xlsx](https://www.pordata.pt/sites/default/files/2024-06/Portugal%20T%C3%A9tulos%20em%20l%C3%BAngua%20portuguesa%20total%20originais%20e%20traduzidos.xlsx)
- Rabot, C. (2017). Rééditer l’Odyssée au XXIème siècle. L’éditeur de classiques et le traducteur, ou l’éditeur comme traducteur. *Mémoires du livre / Studies in Book Culture*, 9(1). <https://doi.org/10.7202/1043120ar>
- Rabot, C. (2018). Qu’est-ce qu’un classique ? *Littéraire - Tome 1*. Artois Presses Université. <https://doi.org/10.4000/books.apu.17962>
- “Reedição”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/reedi%C3%A7%C3%A3o>
- Relógio D’Água. (2016, Janeiro 28). *35 Clássicos para comemorar a fundação da RA*. Relógio D’Água Editores. <https://relogiodaguaeditores.blogspot.com/2016/01/>
- Relógio D’Água. *Categoria produto: clássicos*. Relógio D’Água. <https://www.relogiodagua.pt/categoria-produto/classicos/>
- Relógio D’Água. *Produto: O Monto dos Vendavais*. Relógio D’Água. <https://www.relogiodagua.pt/produto/o-monte-dos-vendavais/>
- Relógio D’Água. *Produto: O Monto dos Vendavais (2)*. Relógio D’Água. <https://www.relogiodagua.pt/produto/o-monte-dos-vendavais-2/>

"Retradução", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024,
<https://dicionario.priberam.org/retradu%C3%A7%C3%A3o>.

Vale, F. (2002, Agosto 30). *A vida de um editor, ou como nasceu a Relógio D'Água*.
Jornal de Letras. <https://visao.pt/jornaldeletras/letras/2022-08-30-a-vida-de-um-editor-ou-como-nasceu-a-relogio-dagua/>